

Comboio
de corda
ROMANCE

As histórias de duas crianças distanciadas por meio século se entrelaçam em fascinante simetria: uma em palavras, outra em imagens. Em silêncio, o menino sofre com a ausência do pai, e a menina acompanha de longe a carreira da mãe famosa.

Ambos sonham com uma vida diferente, até o dia em que decidem fugir de casa e aventurar-se numa busca desesperada por aquilo de que mais sentem falta.

Brian Selznick nasceu em New Jersey (EUA), em 1966. Ilustrador e escritor, estudou na Rhode Island School of Design, e depois trabalhou em uma livraria especializada em livros infantis, onde aprendeu muito sobre literatura feita para crianças e jovens. Ilustrou e escreveu muitos livros, dentre os quais se destaca *A invenção de Hugo Cabret*, que entrou para a prestigiosa Lista de Honra da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique (1994), recebeu a Caldecott Medal (2008) e virou filme sob a direção de Martin Scorsese (2011).

Brian
Selznick
Sem fôlego



BRIAN SELZNICK

tradução Claudio Figueiredo

SEM FÔLEGO



“Mais cedo ou mais tarde, o raio atinge todos nós.”

Gregory Maguire, *A lion among men*

Este livro é dedicado a Maurice Sendak

B R I A N S

SEM
FÔV

ilustrações do autor

E L Z N I C K

LEGO

tradução Claudio Figueiredo

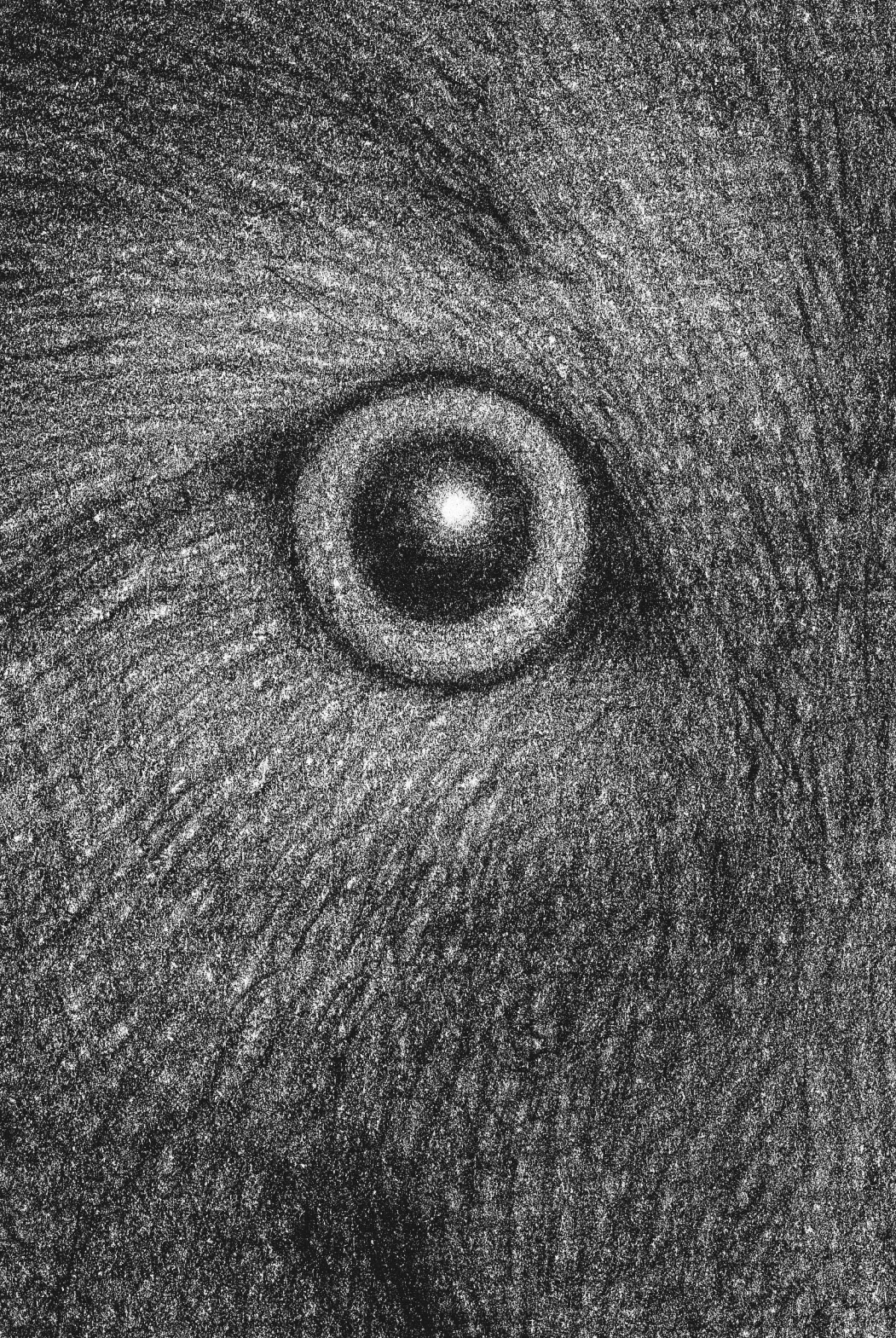


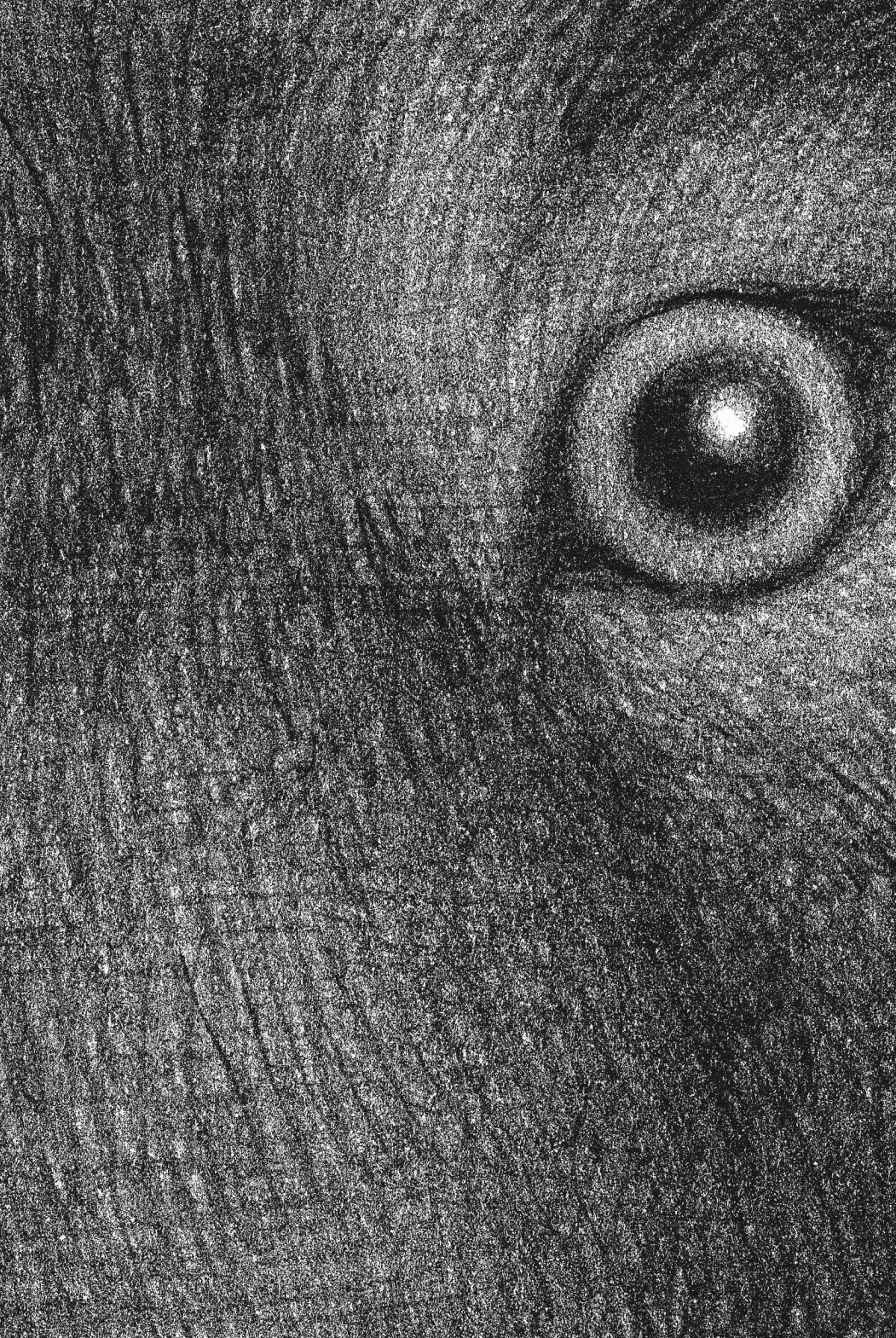


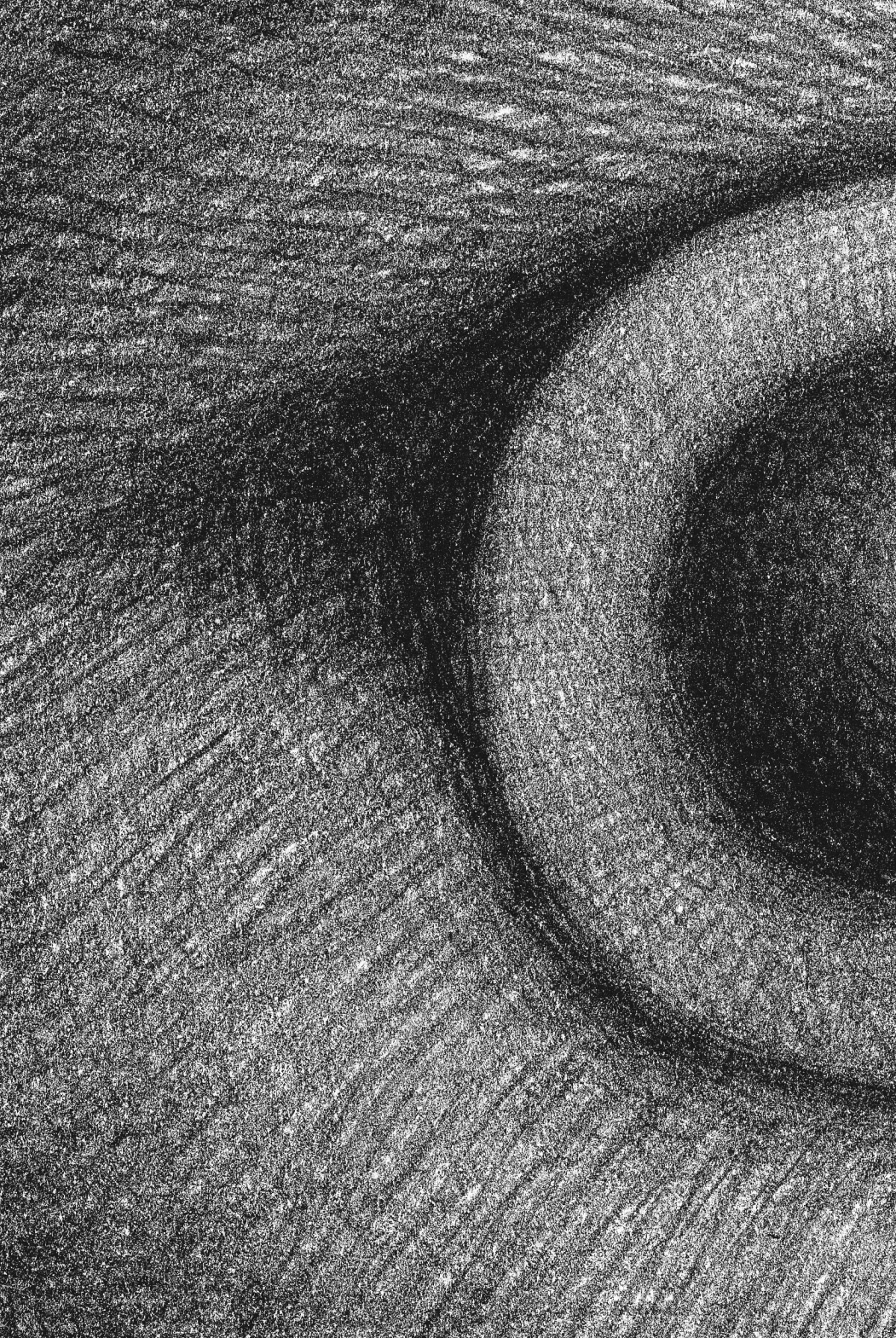


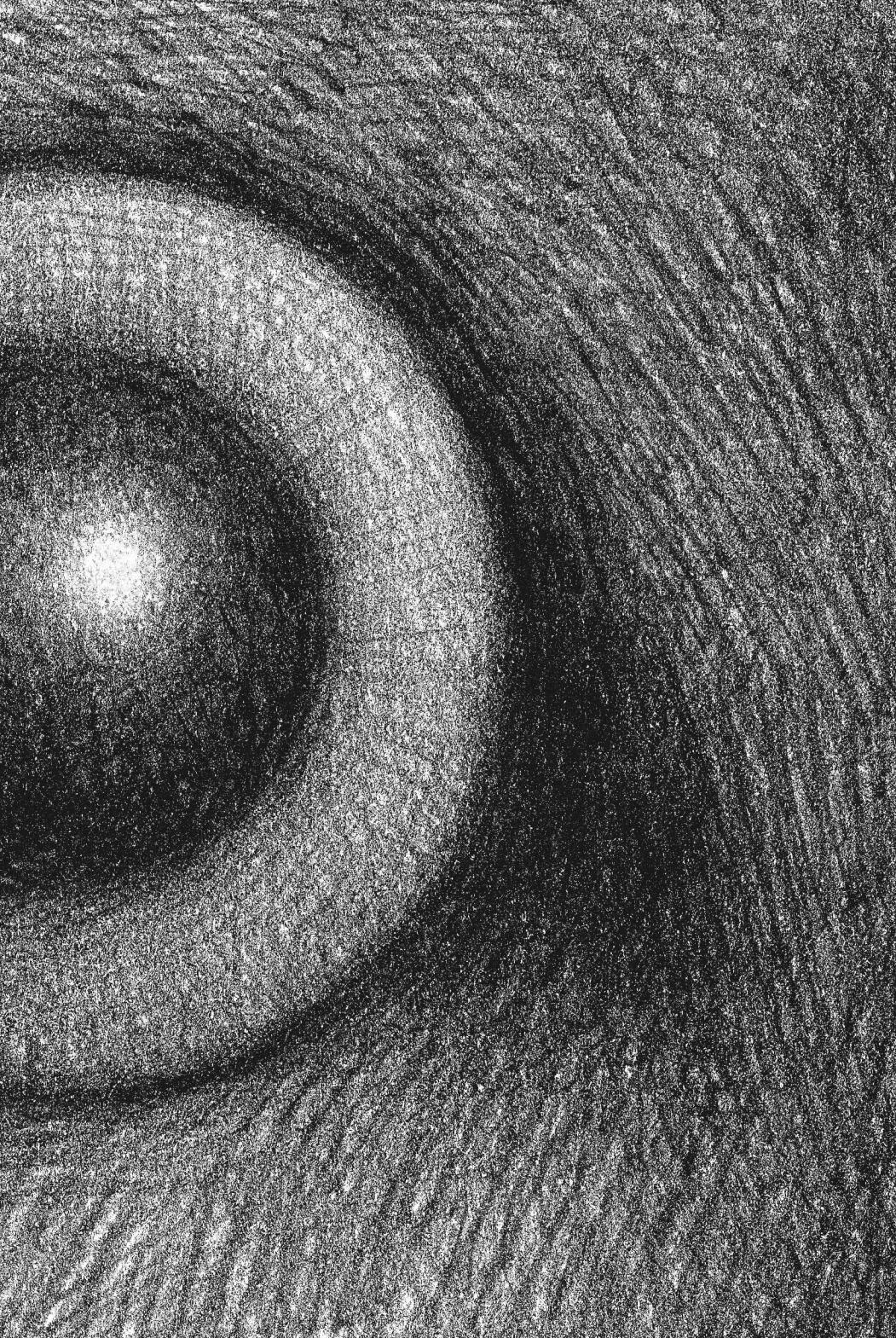


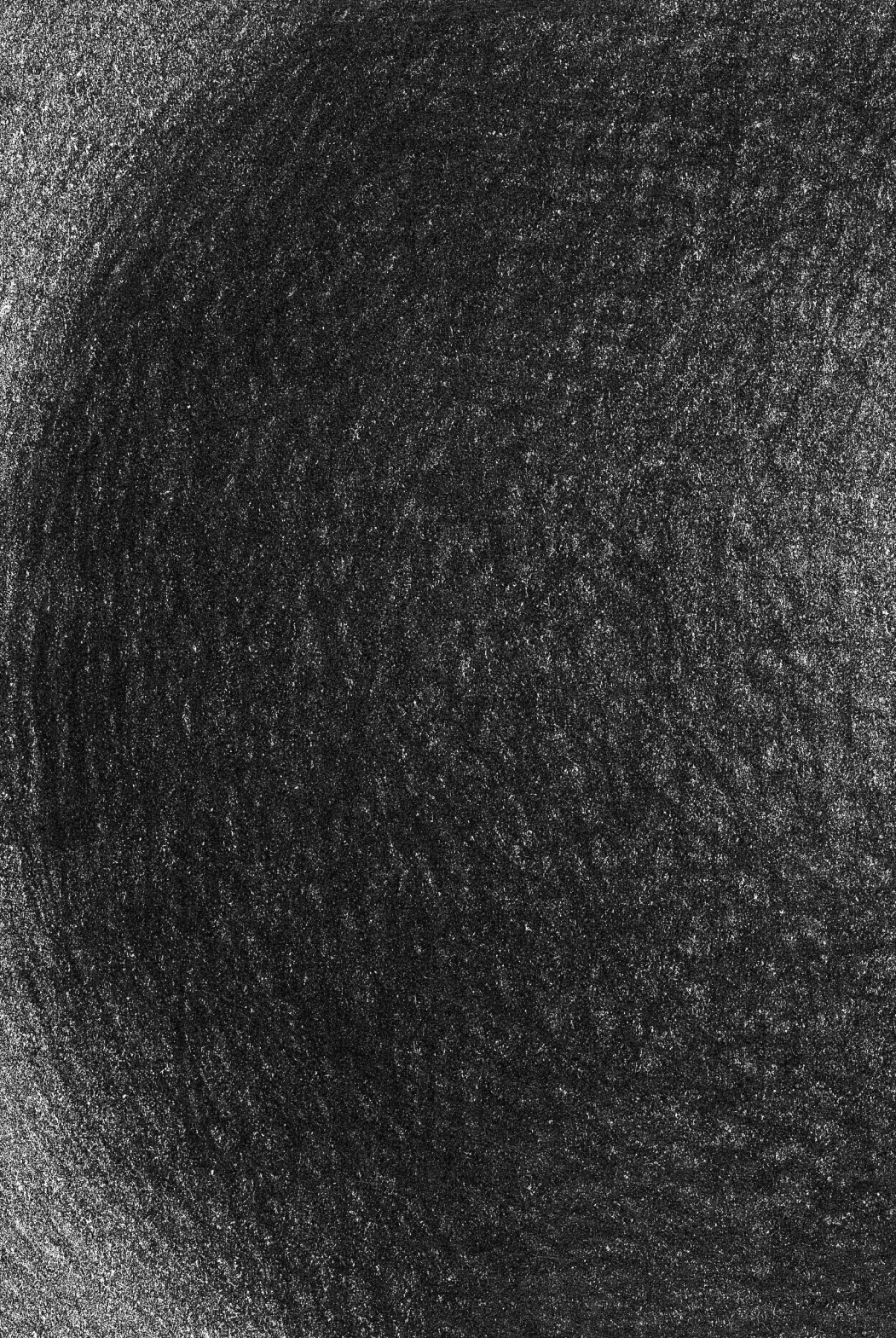


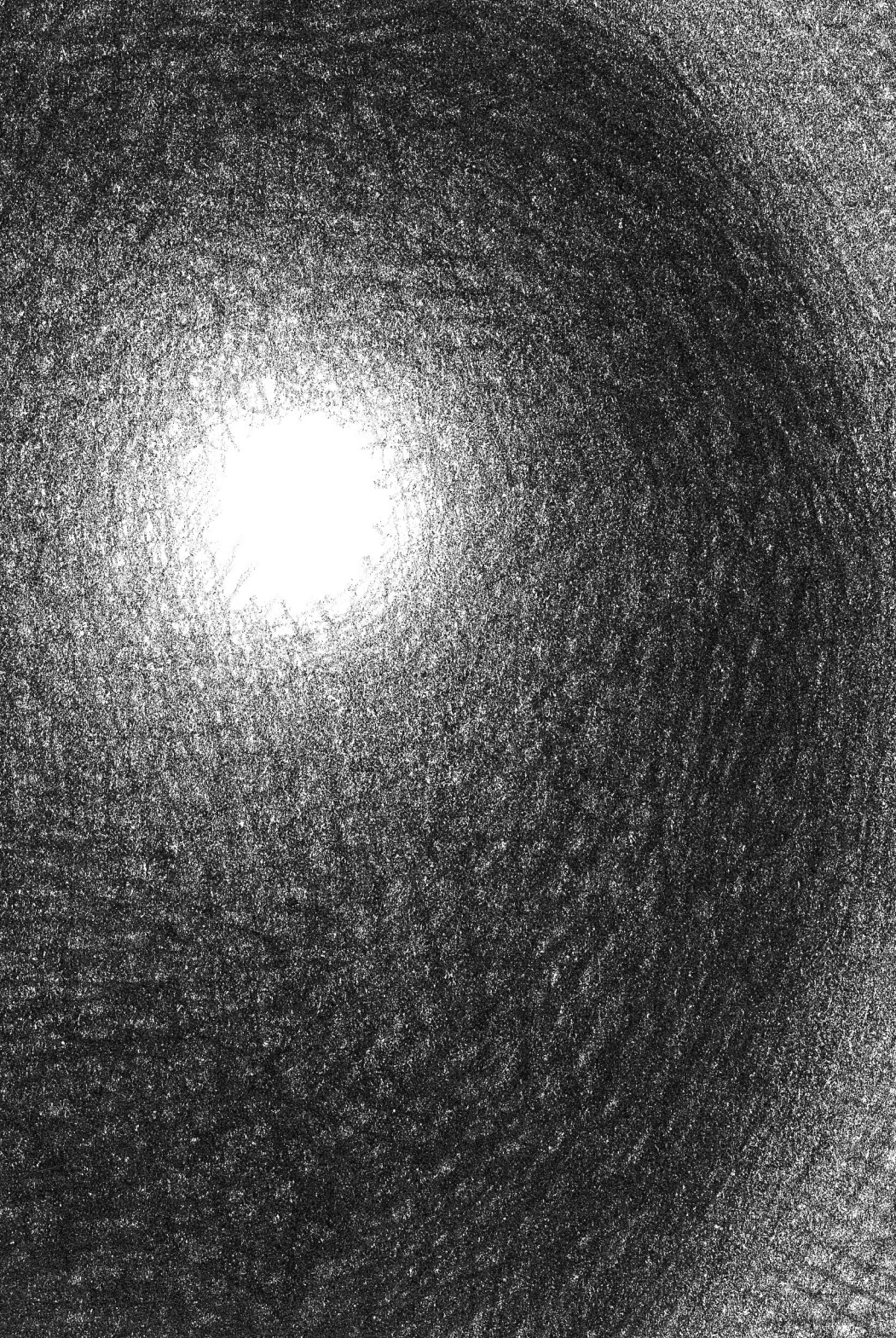












LAGO GUNFLIN
ESTADOS
JUNHO

T, MINNESOTA,
UNIDOS
DE 1977

P R I M E I R A P A R T E

Alguma coisa atingiu Ben Wilson e ele abriu os olhos. Os lobos tinham-no perseguido de novo e seu coração batia forte. No quarto escuro, sentou-se na cama e esfregou o braço. Pegou o sapato que seu primo havia atirado nele e jogou no chão.

– Isso machuca, Robby!

Robby murmurou algumas palavras.

– O quê? – perguntou Ben.

– O quê? O quê? Não consegue me ouvir? Você é surdo?

Como quase todo mundo no Lago Gunflint, Robby sabia que Ben nascera surdo de um ouvido, mas ainda assim achava engraçado ficar lhe perguntando isso o tempo inteiro, até mesmo no meio da noite. Repetiu a Ben o que tinha dito:

– Eu disse: pare de gritar enquanto dorme!

No canto do quarto, o rifle de caça de Robby brilhava à luz do luar. Ali perto, amontoavam-se sua vara de pescar, um canivete, o arco e flechas, arpões feitos à

mão e estilingues de vários tamanhos. Pelo jeito, Robby empenhava-se em colecionar coisas perigosas.

Ben esticou-se na velha cama espremida entre a cômoda e a janela. O ventilador estava quebrado e os dois garotos, sem camiseta, suavam em pleno calor de verão. As cobertas, inúteis, foram jogadas de lado. Os cabelos colavam na testa.

As mãos de Ben ainda tremiam por causa do sonho. Desde o acidente, os lobos apareciam-lhe correndo pela neve sob o luar, a língua vermelha balançando e os dentes brancos brilhando. Não conseguia entender por que o perseguiam, já que adorava lobos. Ben e a mãe chegaram mesmo a ver um deles da varanda de casa. Ele tinha achado o animal lindo e misterioso, como se houvesse saído de um livro de histórias.

Lá fora, o vento tornou-se mais intenso, farfalhando as copas das enormes árvores que rodeavam a casa. Em tom monótono, zumbiam vozes do aparelho radioamador de Robby, que ele insistia em deixar ligado durante a noite toda. Isso não chegava a incomodar Ben tanto assim. Ser surdo de um ouvido tinha lá suas vantagens: ele podia dormir com o ouvido bom enfiado no travesseiro para evitar todo aquele barulho. Usava um truque parecido na escola. Quando queria desligar-se do professor ou dos colegas, pressionava o ouvido bom

na mão. Assim ficava mais fácil ler os livros sobre espaço sideral que escondia debaixo da carteira.

– Queria não ter mais de dividir meu quarto com você – resmungou Robby, antes de cair no sono novamente.

Em silêncio, Ben concordou.

Um som familiar chamou-lhe a atenção e ele encostou o ouvido bom na parede.

– Já faz três meses que ela morreu, Jenny. É hora de vender. Precisamos conversar sobre isso.

Ben imediatamente deu-se conta de que tia Jenny e tio Steve falavam mais uma vez sobre sua casa.

– Elaine adorava esta casa, Steve – retrucou tia Jenny. – E foi nosso pai quem *construiu* essas casas e o chalezinho de hóspedes. Não é tão fácil vender algo que é parte de nossa família. Não dá, por enquanto, para deixar as coisas como estão?

Ben podia imaginar sua tia ajeitando o rabo de cavalo enquanto falava, hábito partilhado com a irmã mais velha de Robby, Janet. Sua mãe costumava fazer o mesmo gesto quando tinha algo sério a dizer.

– Mais cedo ou mais tarde, vamos ter de vendê-la – disse tio Steve. – Não pode ficar lá, intacta, para sempre. Temos contas a pagar e agora temos Ben.

– Você agendou excursões de caça e pesca em